

AS TICS A SERVIÇO DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: VIDEOCLÍPE, LIVRO DIDÁTICO E TROVADORISMO.

Alexandre GUIMARÃES
Centro de Comunicação e Letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie
São Paulo, São Paulo, 01241-001, Brasil
Pós-doutorando da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo

Marlise BRIDI
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo
São Paulo, São Paulo, 05508-900, Brasil

RESUMO

Nos dias de hoje, não há como um professor ministrar suas aulas sem conhecer e reconhecer o universo do seu aluno da Educação Básica, que, nas grandes cidades, costumam ter acesso facilitado à televisão e à Internet. Todavia, em função do processo de formação inicial e, acrescente-se, continuada dos professores, sabe-se que estes são pouco estimulados e, muito vezes, habilitados a utilizar as mídias no contexto escolar, mesmo que este aparato não constitua, há algumas décadas, novidade no ambiente acadêmico, como se pode comprovar pelos estudos de Paulo Freire e Sérgio Guimarães nos anos 1980 e, também, pelos estudos anteriores de Marshall McLuhan, na década de 1960. Entretanto, esse fato não é impeditivo para a realização de trabalhos teóricos e, fundamentalmente, práticos para o cotidiano do processo de ensino-aprendizagem de Literatura Portuguesa, disciplina que tem perdido espaço no cotidiano do Ensino Médio, no qual se tem concedido maior destaque à Língua Portuguesa, à Produção Textual e à Literatura Brasileira. A partir dessa perspectiva, esta pesquisa busca o diálogo entre os livros didáticos recomendados pelo PNLD/2015 e a Tecnologia da Informação e da Comunicação representada pela linguagem videoclipesca para que esta possa ser utilizada como ferramenta de ensino-aprendizagem nas aulas de Literatura Portuguesa no Ensino Médio.

Palavras-Chave: TICs; Videoclipe; Livro Didático; Literatura Portuguesa; Trovadorismo.

1. INTRODUÇÃO

Em plena metade da segunda década do século XXI, no Brasil, ainda somos confrontados com questionamentos contra a utilização das Tecnologias da Comunicação e Informação (TICs) nas salas de aula da Educação Básica.

Se o país é capaz de suprir essa necessidade não é o ponto em questão. O problema que se levanta é: porque em escolas cujo acesso que às TICs possível sua utilização é, muitas vezes, precária ou inexistente.

Ainda nos anos 1980, especificamente em 1984 – ano em que a Apple colocou à venda seu primeiro computador Macintosh (128k) com mouse, em que Svetlana Savitskaya tornou-se a primeira cosmonauta soviética a caminhar no espaço e em que o Brasil manifestou-se massivamente expondo o desejo por eleições diretas para Presidente da República unindo em um mesmo palanque personalidades políticas como os futuros Presidentes Tancredo Neves, Fernando Henrique Cardoso, Luís Inácio Lula da Silva e, ainda Leonel Brizola, Franco Montoro, Mário Covas, Ulysses Guimarães dentre tantos outros – Paulo

Freire e Sérgio Guimarães lançaram *Educar com a Mídia*, obra nascida a partir de uma série de diálogos que tratavam da inserção de meios de comunicação no processo de ensino-aprendizagem da Educação Básica.

A temática dos pensadores brasileiros já havia adentrado no ambiente acadêmico internacional há algumas décadas. Marshall McLuhan em 1962 e 1964, respectivamente, já tratara do tema que relaciona educação e comunicação por meio das obras *A Galáxia de Gutenberg* e *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*.

Ou seja, de moderno, o tema não tem mais nada. Os meios de comunicação estão inseridos no cotidiano do brasileiro e com eles somos informados, além de podermos usufruir da diversão. Realmente há muito conteúdo de qualidade questionável na mídia impressa, sonora e audiovisual, mas a opção pela permanência e manutenção da audiência parte do consumidor que, teoricamente, quanto mais bem informado, mais possibilidade crítica de escolha terá.

Esse exercício crítico pode ser desenvolvido em inúmeros ambientes, mas é indiscutível que um deles é a escola que é subsidiada por leis que apregoam a utilização e o exercício com diversas linguagens.

2. A ESCOLA E SEU SUPORTE LEGAL

O desenvolvimento da leitura, da compreensão e da produção de textos que estejam de acordo com as diversas situações de comunicação, ou seja, da competência comunicativa discente, é exercício do professor da área de Língua Portuguesa.

Sobre a questão, Travaglia [1] afirma: “Se o objetivo de ensino de língua materna é desenvolver a competência comunicativa, isto corresponde então a desenvolver a capacidade de produzir e compreender textos nas mais diversas situações”.

Temos consciência de que nessas situações os alunos da atualidade recebem em seu cotidiano tanto de uma multiplicidade de gêneros textuais quanto de uma multiplicidade textual, que abrange textos verbais, textos sonoros, textos imagéticos e textos audiovisuais. Assim sendo, devemos ter em mente que o desenvolvimento da habilidade de leitura deve levar em consideração não apenas o texto verbal, como predominantemente, quando não exclusivamente, ocorre nas aulas de Língua Portuguesa, de Interpretação de Texto, de Redação e de Literatura.

Os documentos [2] que regem a educação brasileira, afirmam que:

A lógica de uma proposta de ensino e de aprendizagem que busque promover letramentos múltiplos pressupõe conhecer a leitura e a crítica social. Some-se a isso que as práticas de linguagem a serem tomadas no espaço da escola não se restringem à palavra escrita nem se filiam apenas aos padrões socioculturais hegemônicos.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio [3], etapa da Educação Básica brasileira que formalmente trata da Literatura de Língua Portuguesa, fica evidenciado que os educandos devem conseguir:

compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens [...]; confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas;
analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, [...] compreender e usar a Língua Portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Apoiado nos fragmentos legais, somos levados a crer que o objetivo da educação é promover um processo de ensino-aprendizagem significativo, que esteja direcionado à prática social, que se valha da utilização de uma multiplicidade textual e que valorize uma diversidade de linguagens, tendo na Língua Portuguesa o papel integrador de identidade.

3. A ESCOLA E AS TICs

Para a promoção de uma aprendizagem significativa é de fundamental importância que consideremos, compreendamos e reconheçamos a realidade e o universo do aluno.

É sabido que grande parte do aluno está envolvido diariamente com as tecnologias da informação e da comunicação, costumeiramente com a linguagem musical, com a linguagem televisiva e com a linguagem videoclipesca, a última por meio da televisão e da internet.

O videoclipe deve ser compreendido em um contexto de complexidade no qual sua linguagem foi formada, enfaticamente, nas últimas três décadas buscando forte influência na sintaxe cinematográfica e na sintaxe televisiva.

Contudo, o fato de maior relevância para a estabilização da linguagem videoclipesca foi o surgimento da *Music Television* (MTV) nos Estados Unidos, no início da década de 1980. Com esse canal, a cultura do videoclipe encontrou um lugar para se desenvolver.

Em 1987, a versão europeia do canal foi lançada, havendo, hoje, no contexto do processo contemporâneo de globalização, uma série de filiais do canal em todo o mundo, que têm uma abordagem cultural diferente para as características de cada país.

O primeiro videoclipe transmitido pela MTV Estados Unidos foi *Video Killed Radio Star*, de Buggles. Na MTV Europeia, o primeiro vídeo transmitido foi *Money for Nothing*, da banda Dire Straits. A MTV alicerçou a utilização da linguagem

audiovisual e ajudou os produtores de videoclipes (artistas e gravadoras), a encontrar referências que tenham a capacidade de chamar, em suas obras, cada vez mais, a atenção do público.

No ambiente educacional, em que guardados os seus papéis, suas responsabilidades e suas funções, há de existir o convívio entre educadores e educandos, paralelamente, há de existir o respeito, o diálogo e a somatória de conhecimentos que são produzidos com a união desses dois polos inseparáveis. Para Freire [4], “já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”.

O videoclipe em si não tem função pedagógica. Este texto, com linguagem multimidiática, é composto por uma variedade de signos linguísticos que ficam ao dispor do educador, de forma a servir como um instrumento pedagógico de larga utilização, não apenas pela proximidade existente com o público adolescente por questões temáticas, mas, também, por questões de ordem estrutural da narrativa.

Ambas as características podem servir ao processo de ensino-aprendizagem por variados vieses, que se agrupam particularmente em questões redacionais, gramaticais, literárias e outras tantas que possam ser identificadas pelo educador.

Entretanto, deve-se levar em consideração que, atualmente, grande parte dos cursos de Letras ainda são calcados em matrizes curriculares e filosofias didático-metodológicas que enfatizam a formação teórica e tradicional do educando, deixando de abrir espaço para a investigação de outras linguagens mais próximas do discente e que, nem por isso deixam de carregar em si inúmeras referências de contextos filosóficos, culturais, sociais, comunicacionais dentre tantos outros, que são tomados como fundamentais para a história do ser humano.

Por conseguinte, os cursos de Letras acabam por abrir, também, pouco espaço para discussões dialógicas que abordem outras áreas do conhecimento, assim como pouco espaço para os embates que tornam viáveis as experiências interdisciplinares. Hermética e despreparada para olhar a contemporaneidade, a Academia não formará o profissional que o mercado realmente necessita, muito menos um profissional de Letras que transite em variadas linguagens com, talvez, acima de tudo, uma postura de constante indignação e criatividade.

O videoclipe é apenas mais uma ferramenta, próxima da realidade do discente da Educação Básica, que pode tornar o cotidiano escolar mais prazeroso, menos repetitivo, mais questionável. Não cabem, portanto, fórmulas prontas de como utilizar o videoclipe e suas linguagens verbal, imagética e sonora em sala de aula, cabe, sim, a provocação para o constante instigar do fazer-se educador, o mediador do processo educativo, ou seja, a constante e invencível prática do pesquisador de formas que produzam um ensino, calcado na troca de conhecimentos, significativos.

Mas sempre há embates, e um deles é a utilização do livro didático. Devemos ter em mente que os livros didáticos não são, por si só, bons ou prejudiciais ao processo educacional. O problema encontra-se quando o processo baseia-se apenas neles que são, originariamente, complementos didático-metodológico para o ensino.

4. O LIVRO DIDÁTICO E O VIDEOCLÍPE

A utilização do livro didático é alvo de muitas críticas, mas, também, de alguns elogios. Entretanto, deve-se levar em consideração que na realidade,

O livro didático adquire especial importância quando se atenta para o fato de que ele pode ser, muitas vezes, o único livro com o qual a criança tem contato. Considerando-se o fato de que, ao deixar a escola, pode ocorrer que jamais tornem a pegar em livros, percebendo-se que, para muitos cidadãos, o livro didático termina por ser “o” livro. [5]

Lembra-se, ainda, que a presença do livro didático é tão forte, que mesmo quando ele não é adotado pela escola, muitas vezes costuma ser basilar para a preparação de aulas e avaliações por muitos professores. Porém, não se pode perder de vista que ele é um, dentre tantos, instrumentos para execução do processo de ensino-aprendizagem e que cabe ao educador utilizá-lo e ampliá-lo com discernimento, competência e criatividade para que se efetive a aprendizagem significativa.

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) 2015, por meio da Portaria N° 30, de 31 de julho de 2014, divulgou uma lista de dez livros aprovados para o componente curricular Português. Dentre eles, com 2.313.339 livros distribuídos, *Português Linguagens*, de Willian Roberto Cereja e Thereza Anália Cochar, editado pela editora Saraiva é a coleção mais distribuída no Brasil.

Na presente obra [6], o Trovadorismo é tratado na Unidade 2, intitulada *As origens da literatura brasileira*, que se inicia na página 92 e termina na página 109, dedicando seis páginas (94 a 99) ao Trovadorismo.

As seis páginas são compostas por textos teóricos, três poemas, cinco ilustrações e três quadros.

Um dos quadros, reproduzido a seguir, traz, lado a lado “a diferença entre as cantigas de amigo e as de amor” [7].

CANTIGAS DE AMIGO	CANTIGAS DE AMOR
Eu lírico feminino	Eu lírico masculino
Presença de paralelismo	Ausência do paralelismo de par de estrofes e do <i>leixa-pren</i>
Predomínio da musicalidade	Predomínio das ideias
Assunto principal: o lamento da moça cujo namorado partiu	Assunto principal: o sofrimento amoroso do eu lírico perante uma mulher idealizada e distante
Amor natural e espontâneo	Amor cortes; convencionalismo amoroso
Ambientação rural e urbana	Ambientação aristocrática das cortes
Influência da tradição oral ibérica	Forte influência provençal

As cantigas satíricas, por sua vez, recebem o seguinte comentário [8]:

Embora as diferenças não sejam rígidas, nas cantigas de escárnio geralmente o nome da pessoa satirizada não é revelado. A linguagem normalmente é carregada de ironia, de sutilezas, trocadilhos e ambiguidades. Já a cantiga de maldizer costuma identificar o nome da pessoa satirizada e fazer-lhe uma crítica direta, em forma de zombaria. A linguagem é mais grosseira, por vezes obscena.

Podemos observar que o livro pertencente à coleção mais distribuída entre as dez aprovado pelo PNLD 2015 não faz nenhum referência à linguagem videoclipesca, restringindo-se durante o capítulo, em particular em sua página inicial, a indicação genérica – para todo o conteúdo que vai do Trovadorismo ao Classicismo – de alguns vídeos, alguns livros, algumas músicas e alguns sites.

O tratamento concedido ao trovadorismo é restritivo, mas a literatura, segundo Lajolo [9]:

A literatura fala de vários mundos: alguns parecidíssimos com o nosso, onde, por exemplo, tem gente que morre de fome nas ruas, e de mundo muito diferentes, onde vivem espíritos, anjos, energias e demônios. A literatura hoje traz para o nosso lado mundos prometidos pela ciência, com seres artificiais sofisticados e com seres naturais manipulados em laboratório. Há histórias com palavras e com imagens e histórias só com imagens.

A pesquisadora acrescenta [10]:

A literatura é porta para variados mundos que nascem das várias leituras que dela se fazem. Os mundos que ela cria não se desfazem na última página do livro, na última frase da canção, na última página do livro, na última frase da canção, na última fala da representação nem na última tela do hipertexto. Permanecem no leitor, incorporados como vivência, marcos da história de cada um.

Tudo o que lemos nos marca.

Existem várias portas. Hoje, por meio do YouTube, os alunos podem desfrutar produções audiovisuais, postar suas próprias produções, fazer comentários sobre o material assistido, indicar e compartilhar esse material com outras pessoas.

O educador, por sua vez deve ser comprometido, deve buscar um método que promova a aprendizagem significativa e, para isso, dentre tantas possibilidades, deve conhecer o universo do aluno e, fundamentalmente, ser criativo.

5. INTERNET, VIDEOCLÍPE E INTERTEXTUALIDADE TROVADORESCA

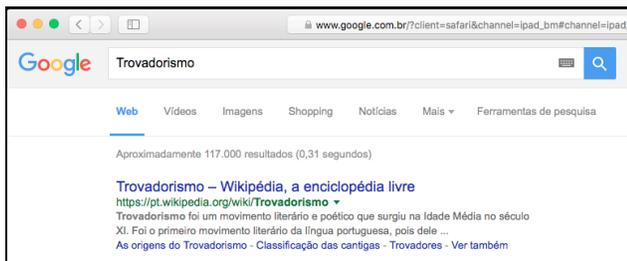
Ao tratar da Internet, Johnson [11] afirma que sua ascensão

desafiou nossa mente em três maneiras fundamentais e correlacionadas: por ser participativa, por forçar os usuários a aprender novas interfaces e por criar novos canais de interação social.

Esse exercício pode ser até um desafio para o professor, mas também é uma possibilidade para ampliação de sua criatividade e para a de seus alunos [12]. Sérgio Guimarães é mais taxativo na questão. Para ele, “essa atitude favorável ao uso de determinados recursos não é nem tanto uma questão de habilitação, de formação profissional dos professores; é antes uma questão de bom senso”[13].

O bom senso leva-nos a respeitar o aluno e, como tratado anteriormente, buscar o seu mundo.

Em pesquisa realizada no Google, em outubro de 2015, conferimos os seguintes resultados:



Palavra pesquisada: Trovadorismo
117.000 resultados em 0,31 segundos [14]



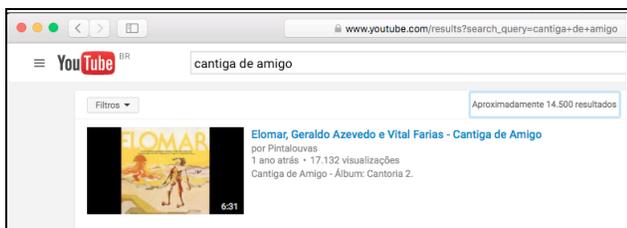
Palavra pesquisada: Videoclípe
7.510.000 resultados em 0,40 segundos [15]

Com apenas dez segundos a mais, o termo **videoclípe** apresentou 7.393.000 resultados a mais que o termo **trovadorismo**, fato que evidencia a massiva presença do primeiro assunto sobre o segundo no ambiente virtual.

Alterando a ferramenta de busca, quando procuramos na mesma data as diferentes denominações das cantigas trovadorescas, obtivemos os resultados a seguir:



Cantiga de Amor
Aproximadamente 91.800 resultados [16]



Cantiga de Amigo
Aproximadamente 14.500 resultados [17]



Cantiga de Escárnio
Aproximadamente 1.300 resultados [18]



Cantiga de Maldizer
Aproximadamente 650 resultados [19]

É notória, também, a gradação que encontramos entre as cantigas que atingiram 91.800 quando pesquisadas as **Cantigas de Amor** e apenas 650 resultados quando pesquisamos as **Cantigas de Maldizer**.

Dentre os resultados, percebemos uma grande variação que abrange fragmentos de aulas, dicas literárias, interpretações de poesia, trabalhos escolares, trabalhos musicais e, ainda, produções que não mantêm nenhuma relação com as cantigas literárias portuguesas.

Por conseguinte, quando optamos pela busca de produções videoclípecas, os números mostram-se diferentes. Percebemos que as cantigas satíricas são as menos exploradas no material didático e, por conseguinte, com menor resultado na busca realizada no YouTube.

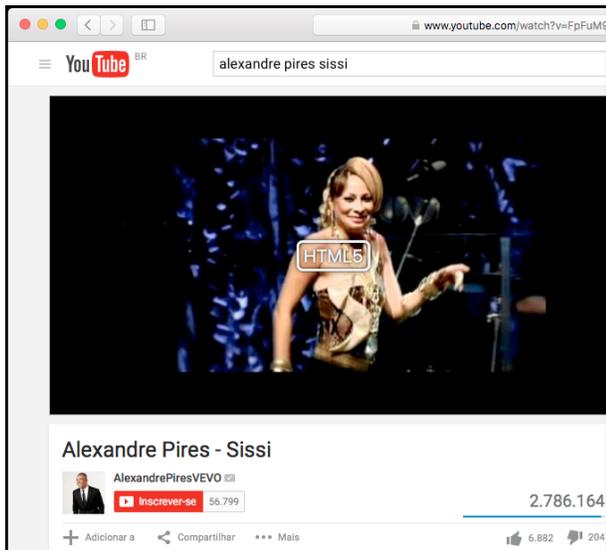
Esse é o momento de vácuo em que podemos construir outras metodologias de ensino e, uma delas, é a utilização de vídeos contemporâneos para a releitura temática das cantigas produzidas na Península Ibérica do século XIII.

Lembramos Gaia [20] que afirma:

durante muito tempo a força dos textos da mídia foi ignorada pela escola, sendo tais textos relegados à área do entretenimento. Esse quadro foi mudando, porque a atuação cada vez mais onipresente de alternativas midiáticas na vida dos estudantes fez com que a escola revisse algumas questões e passasse a trabalhar a partir de novos conceitos, como a midialidade e intermedialidade, por exemplo.

O pagode, ritmo popular largamente conhecido pelo público, é cantado por um grande número de grupos e de cantores solo. Entre eles, Alexandre Pires, cantor e compositor, que, quando teve seu nome procurado no Google em novembro de 2015 apresentou 13.400.000 resultados em aproximadamente 0,40 segundos. [21]

Quando a pesquisa foi direcionada ao YouTube já com o nome de uma de suas composições, a música *Sissi*, videoclipe gravado ao vivo que pode ser utilizado metodologicamente para o trabalho com as cantigas de maldizer, o número apresentado em 0,30 segundos foi 141.000, ou seja, 140.350 a mais que o número apresentado no mesmo site para as cantigas de maldizer.



2.786.164 visualização
6.882 likes e 204 dislikes [22]

Para além da composição verbal de Alexandre Pires que apresenta relações temáticas com as cantigas de maldizer, é importante desenvolvermos com o alunado a multiplicidade de leituras por inúmeros fatores, entre eles a formação plena da cidadania.

Os adolescentes estão expostos e são consumidores frequentes das mídias, o que não quer dizer, necessariamente, que sejam alfabetizados na linguagem das mesmas. Em função desse fator é que podemos e devemos empreender a análise da linguagem videoclipesca, no caso específico o enquadramento e angulação, relacionando-a à temática trovadoresca.

Para a apresentação do cenário onde decorre a cena em que se passa a narrativa há a utilização do grande plano geral, possibilitando ao espectador acesso ao ambiente em sua plenitude observando a presença da plateia, do palco, da cenografia, da banda, de Alexandre Pires e, mais adiante, de Katiúscia Canoro interpretando uma de suas personagens: Lady Kate. [23]



No intuito de evidenciar as personagens, percebemos a opção pelo plano americano, em contra-plongée, por meio do qual percebemos ações que destacam fragmentos da letra da composição que remetem à ironia das cantigas de maldizer direcionadas a uma personagem específica: “É o nome dela é Sissi, Sissi/'Si' sentindo, 'si' achando”.



“Quando tira foto todo mundo ri, faz beicinho de Angelina Jolie
Botox na cara, silicone no peito
Quando abre a boca só fala bobagem”

O mesmo enquadramento é utilizado na apresentação de Lady Kate, nova rica aspirante a socialite, destacando seu jeito desengonçado de ser, que comprovamos mais à frente do videoclipe, com o mesmo plano, mas com a personagem em outro enquadramento, quando após subir a rampa do centro do palco mostra que não tem habilidade para descê-la.



“Ela se acha a última Coca-Cola do deserto
A bunda mais linda do pagode esperto”

Para reforçar a atitude não convencional da personagem Lady Kate, que motiva o riso, percebemos que a narrativa audiovisual recorre ao plano conjunto e ao close-up, sempre no plano do olhar, em momento que a letra da canção já foi encerrada e a personagem feminina, Sissi, toma o microfone e, em uma espécie de epitexto [24], acrescenta falas típicas de sua personagem do programa *Zorra Total* reforçando sua inconveniência e sua postura exagerada quando comparada aos padrões convencionais.



“Queria dizer pra tus que isso tudo aqui é meus.
Essas curtina são minha.
Os músico é meu.
Alexandre Pires é meu.
[...]
Eu tô pagando!”

6. CONCLUSÃO

A formação do leitor e do cidadão não passa exclusivamente pelo ambiente escolar, entretanto somos partícipes e construtores desse ambiente uma vez que somos educadores.

Sabemos que nossas leis apregoam uma educação sociointeracionista, que pretende a educação como uma atividade calcada na relação entre os indivíduos, suas linguagens, visto que estas são construções indissociáveis do seu processo de existência, objetivando a formação destes sob o ponto de vista do conhecimento e da cidadania.

Cabe, conseqüentemente, ao educador a formação de um leitor autônomo, competente para achar e dar sentido aos textos lidos diante dos mais diversos contextos existentes. Para tanto, o profissional da educação precisa entender e compreender o universo de seus alunos e, quando necessário, ou possível, valer-se didaticamente das linguagens e mídias desfrutadas por seus educandos.

A literatura não tem compromisso com a realidade, mas, muitas vezes, trata da realidade de modo sublime e profundo, assim não deve ser negada ao discente. O livro didático é um dos caminhos metodológicos, que pode encontrar alicerce em inúmeros outros, entre eles nas TICs, em particular na Internet e no videoclipe, linguagem admirada pelo adolescente e que pode aproximar os conceitos e a mentalidade trovadorescas do universo dos nossos alunos do século XXI.

Referências

- [1] L. C. Travaglia. **Gramática: Ensino Plural**. São Paulo: Cortez, 2009. P. 19.
- [2] S. E. B. Brasil. **Orientações curriculares para o ensino médio**. Brasília: MEC/SEF, 2008. v. 1: Linguagens, códigos e suas tecnologias. P. 28.
- [3] S. E. F. Brasil. **Parâmetros curriculares nacionais: Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: MEC/SEF, 2000. P. 135
- [4] P. Freire. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. P. 79.
- [5] O. Molina. **Quem engana quem: professor X livro didático**. Campinas: Papyrus, 1988. P. 18.
- [6] W. R. Cereja e T. A. C. Magalhães. **Português Linguagens**. São Paulo: Saraiva, 2013.
- [7] W. R. Cereja e T. A. C. Magalhães. **Português Linguagens**. São Paulo: Saraiva, 2013. P. 98.
- [8] W. R. Cereja e T. A. C. Magalhães. **Português Linguagens**. São Paulo: Saraiva, 2013. P. 99.
- [9] M. P. Lajolo. **Literatura: leitores e leitura**. São Paulo: Moderna, 2001. P. 9.
- [10] M. P. Lajolo. **Literatura: leitores e leitura**. São Paulo: Moderna, 2001. P. 44-45.
- [11] S. Johnson. **Tudo que é ruim é bom para você: como os games e a TV nos tornam mais inteligentes**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. P. 93.
- [12] P. Freire e S. Guimarães. **Educar com a mídia: novos diálogos sobre educação**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- [13] P. Freire e S. Guimarães. **Educar com a mídia: novos diálogos sobre educação**. São Paulo: Paz e Terra, 2011. P. 31.
- [14] https://www.google.com.br/?gws_rd=ssl#q=trovadorismo
- [15] https://www.google.com.br/?gws_rd=ssl#q=videoclipe

- [16] https://www.youtube.com/results?search_query=cantiga+de+am+or
- [17] https://www.youtube.com/results?search_query=cantiga+de+am+igo
- [18] https://www.youtube.com/results?search_query=cantiga+de+esc+arnio
- [19] https://www.youtube.com/results?search_query=cantiga+de+ma+ldizer
- [20] R. V. Gaia. **Educomunicação e mídias**. Alagoas: Edufal, 2001. P. 34.
- [21] https://www.google.com.br/?gws_rd=ssl#q=alexandre+pires
- [22] https://www.youtube.com/results?search_query=alexandre+pires+s+issi
- [23] https://www.youtube.com/results?search_query=alexandre+pires+s+issi
- [24] G. Genette. **Paratextos editoriais**. Cotia: Ateliê, 2009.